



renata aguiar

reminiscências

da fotografia à performatividade

realização



Theodoro Braga
Galeria
Theodoro Braga



apoio

renata aguiar

reminiscências

da fotografia à performatividade

set | out | 2023

Galeria Theodoro Braga

Projeto vencedor do Prêmio Branco de Melo
da Fundação Cultural do Pará em 2023.

Belém | Pará | Amazônia | Brasil

**reminiscências: o corpo
andarilho de renata aguiar**

Os resíduos se deixam espalhar pelo corpo da artista, pelos corpos arbóreos que se firmam ou tombam ao redor do lugar em que habita, seja a paisagem urbana/não urbana, seja a paisagem íntima que acolhe dentro de si e com os outros compartilha. Renata Aguiar se deixa levar por performatividades, por imagens fotográficas/videográficas, pela arte, envolvendo-se nos lastros percorridos por Hyppolyte Bayard com sua performance sem intenção, ocorrida ainda no século XIX;

rememorando as trilhas do icônico Salto no Vazio de Yves Klein; visualizando uma possível cumplicidade com os distintos personagens, com a androgenia de Claude Cahun e seus discursos emancipadores, vanguardistas em pleno Surrealismo.

Memórias, saberes que se entrecruzam, penetram frestas do imaginário e fazem emergir as performances voltadas para a câmera. Muito tempo depois, Renata inclui-se entre esses performers pioneiros, mas traça um caminho próprio, resultante de quatro anos de pesquisa. Como ela mesma diz: “construídos na errância por terras distantes ou tão próximas como o chão que agora piso”. São travessias tecidas com o “senso de



A pedra pesa uma tonelada, a sombra da pedra não pesa nada
Fotoperformance, 2021
60x90cm



Mersalt
Fotoperformance, 2014
40x60 cm

Sem título
Fotografia, 2013
40x60 cm



identidade, estranhamento e pertencimento”, asiladas em um corpo de fluidos deslocamentos.

Estamos diante de uma artista que fala de um lugar que foi disposto em tramas, reminiscências, referências nativas que implodem para romper limites, ir além dos territórios. Uma artista amazônica, sim; uma artista brasileira, mas muito mais que isso: uma artista. Afetos, modos de ver, viver no ilimitado espaço que se contrai e expande em respiros andarilhos. Vagas lembranças, turvas ou explícitas imagens dão a dimensão da complexa tessitura que não finda, constitui-se no abstrato tempo.

Marisa Mokarzel, curadora.



A afogada
Fotoperformance, 2020.
40X60cm



Bell Hell
Fotografia, 2022
150x50cm

o que resta é a imagem

Atravessada pela performatividade, como método de pesquisa, as imagens se apresentam como reminiscências, restos ou rastros dos caminhos entre memórias, ficções ou as lacunas de uma artista em busca da reconstrução de um corpo-território sonhado e intuído, num encontro entre fotografia e performance onde ambas se constituem mutuamente na esperança de criar imagens de outros mundos possíveis.

Assim na exposição “Reminiscências: da fotografia à performatividade” apresento fotografias, fotoperformances e vídeoperformances resultantes dos quatro anos de pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais para

obtenção do título de Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Investigando Poéticas Interdisciplinares experimentei as imbricações corpo-território, nos meus percursos de arte-vida nas múltiplas Amazônias onde nasci e me criei.

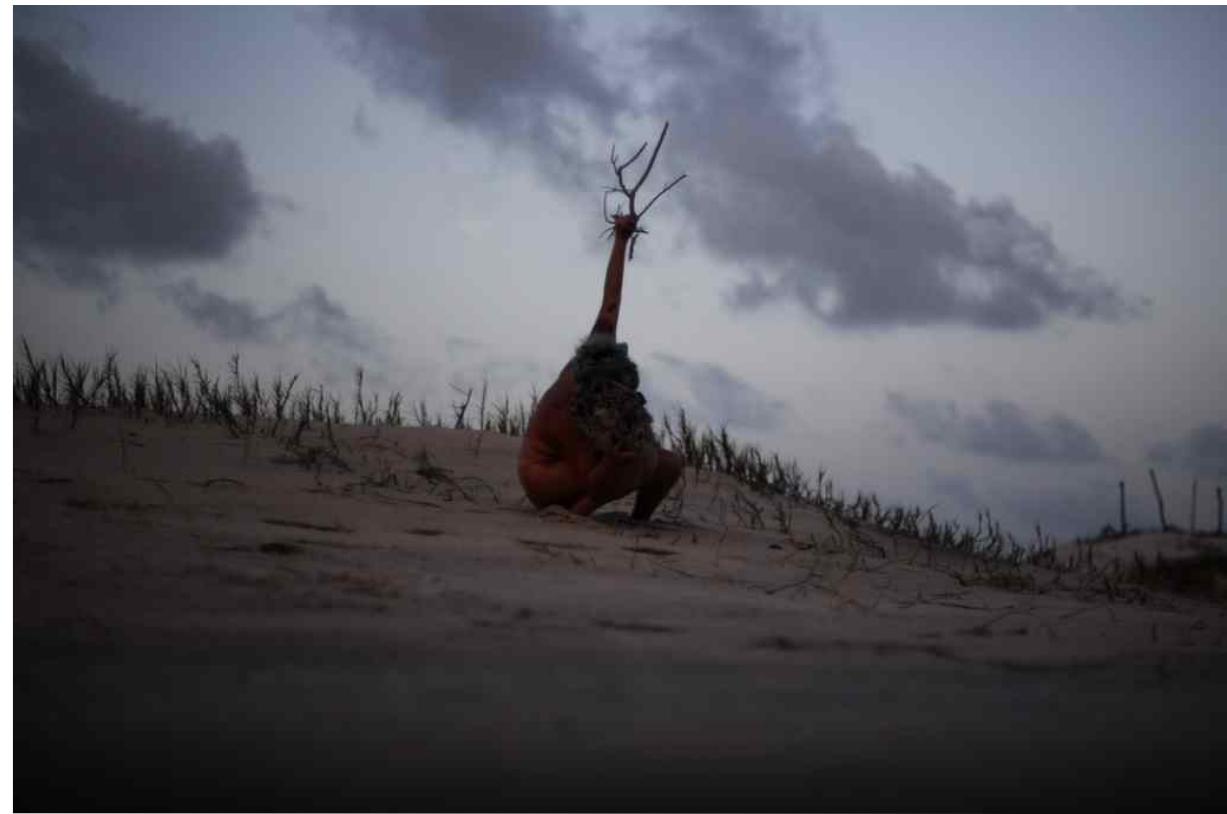
Nas décadas finais do século XX e início do século XXI muitos outros fotógrafos foram, retornaram e continuam indo e vindo à procura de uma visibilidade e de uma visualidade amazônica conectora dos processos de construção e representação do lugar. A partir desse olhar surge um discurso sobre as especificidades amazônicas e a sua apresentação não estereotipada pela



Persona e sombra
Fotograma, 2020
30x45cm



Da série As Ykamiabas e o nascimento do Muyrakytã
Fotografia, 2019
50x75cm



A feiticeira branca
Fotoperformance, 2021
40x60cm



fotografia, em contraposição a imagem amplamente aceita e benquista pela mídia, que trata a Amazônia como "exótica" ou "selvagem", lugar sobre o qual se fala, mas que não fala de si.

Dessa forma apresento as experimentações de uma artista amazônica em movimento, construindo um discurso a partir do afeto, lugares e modos de ver e viver que me são próprios, construídos na errância por terras distantes ou tão próximas, como o chão que agora piso. Um senso de identidade, estranhamento e pertencimento nesse corpo deslocado, andarilhando entre as ruínas da modernidade, suas imagens técnicas, o mercúrio e lítio. Nascida em Uruará no Amazonas, muito cedo acostumei a mudar de cidade, levada de lá à Rondônia e dali até o Pará, onde vivo até hoje, buscando uma imbricação entre esse corpo, que é de uma mulher branca e cis/bissessual, e o território de tantos horizontes. Buscando costurar as reminiscências da história ao tecido do tempo, dilatando-o no campo da fotografia em sua materialidade e construções simbólicas.

Renata Aguiar



renata aguiar

Artista Visual, professora e pesquisadora, investiga as potências poético-políticas no corpo-imagem a partir da Amazônia. Como fotógrafa atuante desde 2007, realizou diversos trabalhos individuais ou coletivos que resultaram em exposições, mostras, salões de arte ou trabalhos acadêmicos. Doutoranda em Artes Visuais pela UFRJ, Mestre em Artes pela UFPA e Graduada em Artes Visuais e Tecnologia da Imagem pela Unama. Manteve durante três anos – como artista e produtora – o Casulo Cultural, casa de artista e galeria/estúdio experimental. Em intercâmbio acadêmico na UFMG em 2013 passou a explorar as possibilidades do próprio corpo em autorretratos, transgredindo a linha tênue entre este e a performance, mais tarde em 2018, durante o curso de doutorado no Rio de Janeiro, passou a praticar a dança contemporânea por meio do contato e improvisação e o circo. Nascida em Urucará/Amazonas e radicada no Pará desde 1989, hoje vive em Belém onde é professora de Arte na EJAI da Casa Escola da Pesca na Ilha da Caratateua.

@renata.artista